

Era uma vez um General que comandava várias tropas. Foi colocado no comando geral, sem conhecer os meandros do exército, porque tinha fama de bom estrategista – e o momento estava sedento de estratégia. Havia mais de vinte batalhões em operação, num quadro de acção agrupada. Os inimigos escondiam-se dissimulados, à espera de oportunidades para desferir golpes certos. Daí a constatação de milhares de baixas nas frentes operacionais, passando-se a recorrer muito à renovação por mercenários, bastante onerosos mas que não criavam problemas de logística, pois cada um organizava-se como podia: chegavam a trazer meios de subsistência e até armas muniadas. Portanto, os problemas estruturais começaram a simplificar-se. A complexidade organizacional degenerou no aparente encanto do paradigma "small is beautiful".

O General rejubilava de contentamento. A sua estratégia estava a dar resultados aos olhos da nação: as vitórias tornaram-se notícia. E, ainda por cima, os custos económicos com o exército baixaram drasticamente, já que as avultadas despesas com mercenários eram contabilizadas num orçamento separado, específico para profissionais da indústria (numa rubrica de guerra), visto que eles próprios usavam os seus instrumentos na execução das respectivas funções.

A massa populacional aplaudia muito, dado o embaratecimento da guerra. E interrogava-se: "O que seria dos impostos, se não fosse esta estratégia?". De facto, apesar de tão engenhoso iniciativa, o Ministro das Finanças exigia constantemente maior participação dos contribuintes. E justificava: por força do desequilíbrio provocado no âmbito industrial. As estatísticas macroeconómicas mostravam à evidência que as indústrias não produziam o mais valia necessária, isto depois da agricultura ter definhado completamente e com o sector dos serviços ainda na fase da utopia.

Na sua posição de comandante-em-chefe, um dia o General recebeu a informação de que uma das suas companhias estava reduzida a um Capitão, que mantinha a luta aguerrida, juntamente com um Sargento (que, por sinal, era uma Sargenta) e meia-dúzia de mercenários. Dizia-se que o Capitão geria sozinho as sucessivas batalhas, havia já bastantes anos: os soldados foram desaparecendo, por isto ou por aquilo, mas ele arranjava novos mercenários e lá ia sobrevivendo com a ajuda da Sargenta. Até conseguiu cativar a amizade daqueles que o ajudavam, os quais lá p'ras tantas nem mercenários eram: entravam na luta quando lhes apetecia, às vezes uns e outros em certas

As Novas Décadas

1 - O Capitão da Companhia

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Editor de **ELECTRICIDADE**

ocasiões – de tal maneira que a guerra naquelas bandas parecia ganha numas épocas e perdida noutras alturas.

Nunca transparecia a glória nem o desespero. Tudo funcionava como uma instituição anichada na cultura do povo. O inimigo, nutrindo uma inegável consideração pelo esforço contrário, concedia mais ajuda que muitos dos amigos. Chegou a enviar emissários a reuniões secretas com o velho Capitão, onde se discutiam as situações periclitantes, à procura de soluções dignas para a crise do momento, pois o inimigo também tinha as suas crises e ficava impressionado com a delicadeza dos problemas do respeitável adversário. Como sempre, as dificuldades do Capitão acabavam por se revelar na dimensão financeira: as receitas obtidas por dádivas de muitos mecenas foram escasseando ao longo do tempo e mesmo aqueles que tinham interesse na manutenção da guerra fartaram-se de subsidiar uma luta com armas antiquadas.

O velho guerreiro bem dizia: "Dêem-me condições para fazer uma guerra actual, com novos meios e profissionais do ofício, e verão como se têm combates bonitos, onde as novas tecnologias permitem prestigiar os combatentes". Sonhava depois com hinos de vitória, metendo na História as façanhas empreendidas. É claro, tudo não passava de sonhos, quimeras que o alimentavam com a esperança de um dia comandar uma companhia bem organizada. Todos os anos pedia ao Conselho Geral que lhe fornecesse estruturas de modernização da guerra. Mas os Conselheiros não atendiam às suas preces; pouco a pouco, deixaram de aparecer, fazendo-se substituir por representantes com instruções rígidas (que não se adaptavam aos cambiantes das situações). Em contraste com os outros tempos, esses Conselhos foram ficando desertos. Mas a guerra continuava, com o fogo do Capitão e a ajuda da sua Sargenta.

Desde sempre que este nicho guerreiro estava sob o alçada superior de três Coroneis. Um deles estabelecia a relação entre o Capitão e o General. De tempos em tempos, esse elo de ligação atingia o limite de idade e passava

à reserva. Vinha outro. Mas sempre com tanta sorte que também incentivava à vitória final. E o Capitão lá empunhava outra vez as armas disponíveis e desatava aos tiros para aqui e para ali. Relampejava o vislumbre do êxito. Simplesmente, o inimigo permanecia sem dar sinais de desfalecimento.

Quando o General teve notícia da carência de apoio naquela frente de batalha, por mensagem do respectivo Coronel, compreendeu imediatamente que a situação era desesperada. Havia que tomar medidas. E, enquanto a companhia não fosse reforçada, ordenou logo a entrega de mais mantimentos aos combatentes existentes, talvez para que não desanimassem da luta. Todavia, demorou muito a chegada desse reforço. O Capitão já estava habituado às demoras e lá se arranjou como era costume. Mas a verdade é que desta vez o atraso logístico afectou o velho lutador: sentiu-se muito abandonado. As energias de outrora estariam a esgotar-se? Desesperou.

Então, decidiu ir falar pessoalmente ao General, convicto que o relato, ao vivo, da necessidade de reestruturação da companhia o levaria a solucionar de uma vez por todas a permanente angústia de prosseguir até à vitória. Respeitador da hierarquia, não falara antes com este comandante-em-chefe. No entanto, parecia-lhe que uma conversa a sós iria acabar com aquela guerra longa (já nem se lembrava, desde quando).

Preparava-se para este encontro histórico quando o General, não se sabe bem por que razões, foi demitido do seu cargo. Logo a seguir houve um Conselho Geral e, mais uma vez, lá contou o estado lastimoso em que se afundavam os seus esforços de muitos anos. Combinou-se uma reunião com os três Coroneis para encontrar uma saída. O dia marcado chegou. Desconhecendo a reacção do novo General quando soubesse da debilidade daquela frente de batalha, os Coroneis pediram ao Capitão que contasse as existências para continuar a luta como até ali. O velho homem, vendo que nada existia de novo, além da falta de coragem, pediu que o substituíssem – e saiu dali a correr para mais um combate. **12**